

10 setembro de 2009

EUA também teriam indagado Itamaraty sobre pesquisa nuclear

RIO - A embaixada americana procurou o Ministério das Relações Exteriores para obter detalhes da pesquisa do físico brasileiro Dalton Girão Ellery Barroso sobre explosivos nucleares confirmando que o Brasil já tem conhecimento e tecnologia para, se quisesse, construir a bomba atômica, conforme noticiou o Jornal do Brasil no último domingo. A notícia foi publicada ontem no jornal O Estado de S. Paulo, na coluna Direto da Fonte, assinada pela jornalista Sonia Racy. O Itamaraty não comentou o assunto.

A publicação da pesquisa do físico brasileiro Dalton Girão Barroso sobre o funcionamento do mecanismo de uma bomba atômica representa um trunfo estratégico para o Brasil, segundo especialistas em assuntos militares. Girão Barroso desenvolveu, em sua tese de doutorado, um modelo matemático que poderia ser aplicado em um artefato nuclear.

O pesquisador de Assuntos Militares da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Expedito Bastos, acredita que ter o conhecimento para produzir uma bomba atômica é uma peça importante de "barganha" no cenário político internacional. A visão é compartilhada pelo coordenador do Núcleo de Estudos Estratégicos da Universidade Federal Fluminense (UFF), Eurico Figueiredo. Segundo ele, saber fazer um artefato nuclear é estratégico para o Brasil, principalmente no contexto da política de defesa nacional, na qual a "dissuasão" tem papel-chave.

- A dissuasão quer dizer o seguinte: você tem uma arma e eu tenho uma outra. Logo, você imagina que não pode apontar sua arma para mim, porque se você apontar minha retaliação será muito forte e, portanto, o custo-benefício do seu ataque não será propício a você - explicou Figueiredo.

Distância

Ambos concordam, no entanto, que há uma distância grande entre ter a capacidade de produzir e efetivamente construir uma bomba atômica.

- Nós assinamos diversos tratados que vão nos impedir de fazer isso (produzir a bomba) abertamente. Há um preço a pagar, talvez muito alto, para querer ter uma bomba - avalia Expedito Bastos.

Além de ser signatário do Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares, o Brasil expressa, em sua própria Constituição Federal, que toda atividade nuclear realizada em território nacional deverá ter fins pacíficos.

Figueiredo acredita que o Brasil é um país que vem despontando como um dos principais atores globais e, por isso, deve começar a discutir se deseja ou não integrar o grupo de nações que possuem arsenais nucleares.

- No médio prazo, o Brasil terá que discutir a questão da energia nuclear aplicada a outros fins, que não sejam pacíficos. Por que essa necessidade vai surgir? O Brasil caminha para se tornar um dos dez países mais importantes do mundo. E, na medida em que as grandes potências dispõem também deste artefato, a sociedade brasileira terá que se esclarecer a respeito da conveniência, ou não, de contar com tais armamentos - observa. (Com agências)